

# António Correia: o Escritor e a sua Obra Literária

JORGE BRUXO\*, LURDES ESCALEIRA\*\*

---

RESUMO: O presente artigo resulta de pesquisa documental, tanto da obra literária como de artigos sobre essa obra e o seu autor, bem como de elementos obtidos em diálogo com António Correia, um poeta e prosador português com presença em Portugal, Angola, Macau e Brasil. Pretende despojar-se esta narrativa de subjectivismos, mantendo um juízo crítico independente, visando contribuir para um mais profundo conhecimento e uma maior divulgação dos contos, romances e poesia de António Correia.

Com recurso a uma metodologia basicamente cronológica registam-se algumas das principais notas biográficas de António Correia, relacionando o seu percurso de vida com o desenvolvimento da sua vida literária. E para além disso, episodicamente acrescem incursos nos conteúdos, com o almejado objectivo de uma abordagem sintética e necessariamente incompleta da vida e obra literária deste autor, especialmente em aspectos relativos à vivência em Macau, apaixonadamente reflectida na sua obra literária.

Ao elencar a obra publicada deste autor abre-se a porta para a sua leitura e análise crítica e contextualizada, concluindo que cada palavra resulta de um universo individual e social vivenciado na primeira pessoa e da vontade de dar vida aos pensamentos e sentimentos que marcaram um percurso singular de vida.

PALAVRAS-CHAVE: António Correia; Poeta; Escritor; Macau.

---

\* Jorge Bruxo é mestre em Língua e Cultura Portuguesas pela Universidade de Macau. Actualmente, é professor aposentado na Universidade Politécnica de Macau.

*Jorge Bruxo received his M.A. in Portuguese Language and Culture from the University of Macau, currently he is a retired professor in Macao Polytechnic University.*

\*\* Lurdes Escaleira é doutorada em Didáctica de Línguas pela Universidade do Porto. Actualmente, é professora na Universidade Politécnica de Macau.

*Lurdes Escaleira holds a Ph.D. in Didactics of Languages at the University of Porto. She is currently a professor in Macao Polytechnic University.*

António Correia partiu sem haver tido a oportunidade de ver publicado este artigo que ora ousamos consagrar à sua memória.

Quantos, como os autores, tiveram a honra de com ele privar sabem da sua grandeza de alma e de quanto amava Macau, sua terra de eleição.

Mas o melhor tributo ao escritor e homem honrado António Correia é a leitura, estudo e divulgação da obra literária de um poeta e prosador de fina sensibilidade.

## INTRODUÇÃO

*Nunca estou sozinho  
pois medito e pergunto até quando  
serei capaz  
de ouvir searas loiras  
a solfejar o pão  
no sorriso das papoilas?*<sup>1</sup>

António Correia nasceu, em 1948, na Freguesia de Anreade, no norte interior de Portugal, e o destino conduziu a sua vida para Lisboa, Angola, Macau e Brasil, locais que, acrescidamente com a sua aldeia natal têm sido o palco e dado o mote para a sua escrita. Na terra mátria ensaiou os primeiros passos no conhecimento e nas letras, na cidade de Ulisses cedo entrou na vida laboral, completou os estudos liceais, licenciou-se em Direito, constituiu família e também na capital portuguesa alvoreceu a sua carreira literária, com a publicação de *Abrindo Caminho* (1976). Em Angola cumpriu os deveres militares, mas foi Macau, sua amada *pátria adoptiva*, o local onde frutificou a carreira literária.

*A dança dos meus sonhos inquietos  
suspende-se na hora em que me banho  
nesta luz que ciciza os mais secretos  
suspiros de um amor sem ter tamanho.  
[...]*

*Amagao, meu amor! Ai o poema  
que carrego comigo mundo fora!  
Saudade mordendo, no fascínio  
de te sonhar noctívaga, serena  
e linda! Amar-te assim é meu desígnio!*<sup>2</sup>

À banca, à advocacia e à gestão empresarial votou seu mourejar, sem enjeitar as chamadas a funções públicas e sociais sempre que a tal foi solicitado. A família, o sector social e o cumprimento de deveres cívicos também lhe absorveram tempo e energias, nomeadamente quando se dedicou ao serviço militar, ao sindicalismo, ao

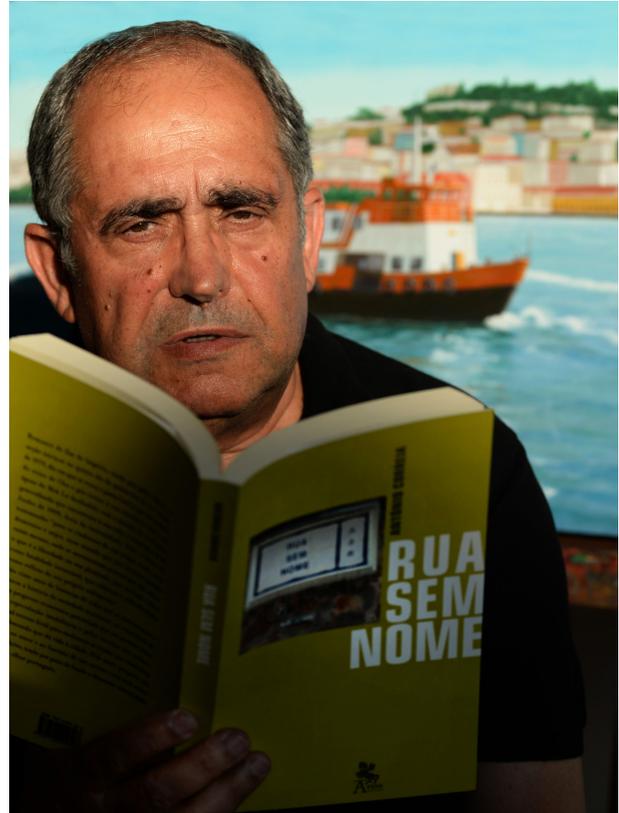


Fig. 1: António Correia. Fotografia de Ernesto Matos.

desempenho de vários cargos públicos e às crónicas sociais que divulgou em jornais e revistas e até na rádio<sup>3</sup>. Em 1992, manteve uma crónica semanal de crítica político-social sob o título *A Bica* na Rádio Macau e no jornal *Macau Hoje*. Em 1995, publicou mensalmente na *Revista Macau* um texto de crónica-conto. Macau e Lisboa registam o seu empenho na *res publica* pelo exercício de cargos como vogal do Conselho de Cultura do Governo de Macau (1989), membro do Conselho Consultivo do Governo de Macau (1991) e deputado à Assembleia Legislativa de Macau (1992–1996), membro do Conselho Superior da Advocacia de Macau (1997), mas em simultâneo também à actividade privada, como advogado, notário privado e gestor bancário. No Brasil experienciou a vida como investidor e empresário, sem nunca se desligar do mundo da cultura. E no ano de 2001 estabeleceu residência em Fortaleza, capital do Estado de Ceará, no nordeste brasileiro.

## ESTUDOS DE MACAU

Da sua obra literária, edifício felizmente ainda inconcluso, fazem parte peças literárias bem concebidas e bem buriladas, quer no conteúdo quer no aspecto estético-literário, que quando prosa quase sempre casam a realidade individual e social com a ficção e quando poesia assumem formas e conteúdos diversificados, mas são quase sempre mensagens de reflexão, ou sinais e memórias dos tempos, onde saberes e memórias ancestrais se mesclam com apelos à modernidade, ao equilíbrio, ao humanismo e por fim à espiritualidade fundada num sábio entrelaçamento de sabedorias ocidentais e orientais, nomeadamente as ligadas às filosofias e religiões católica, budista e taoista, desde a horizontalidade de lugares comuns até à profundidade de saberes muito estudados e cautelosamente meditados.

O escritor usa na narrativa e nos versos uma adesão à realidade com traços bem localizados no tempo e no espaço, geralmente escolhendo personagens e ambientes das classes sociais mais desprotegidas, dando primazia aos valores espirituais sobre os materiais, sustentando sempre o amor em vez do ódio, a humildade em lugar da soberba, a luz em lugar das trevas, enfim revelando-se portador de valores humanistas e espirituais de cariz universal, usando um estilo simples mas dotado de beleza, facilmente inteligível mas nem por isso deixando de ser portador de fortes mensagens, apesar de algumas vezes subliminares e outras mais directas e expressivas como as reveladas em *Miscelânea — mensagens em prosa e verso para crianças* (1987). Aí e, nomeadamente em *Conjugando o Verbo Amar* (1989) e *Folhas Dispersas* (1989) podemos apreciar diversidade de estilos poéticos do autor e verificar que se mantém fiel a si próprio, não procurando apenas valores estéticos, mas buscando, antes de mais, a afirmação dos seus ideais e valores inscritos no circunstancialismo constante da expressão poética, reveladora de estados de alma e provocadora de emoções nos leitores que se deixam afeiçoar pelas musas do poeta.

*Escrevo versos como quem ora  
porque sou diapasão  
da divina paz  
que em mim mora.*<sup>4</sup>

Sem nunca renunciar às origens, a vida do nosso escritor e poeta acontece em muitos poisos, sendo em Macau e na sua Beira Douro que as musas mais se lhe anunciam, e, então, aí acontece poesia.

### O ESCRITOR ANTÓNIO CORREIA

A infância nas margens do Douro, ocorreu em Anreade, Concelho de Resende, Beira Alta.

António Correia nasceu no seio de uma família localmente respeitada que vivia à sombra tutelar dos avós, tanto paterno como materno, ambos sobreviventes da Batalha de La Lys, em França. Relata-nos António Correia que *do lado paterno, todos se dedicavam então ao negócio de transportes fluviais, com o avô Manuel e o pai José, ambos arrais de rabelos, descendo e subindo o Douro, de Barca d'Alva até à Foz, cobrando fretes e comerciando os produtos da terra, em especial o precioso vinho do Porto; do lado materno, após uma experiência emigrante no Rio de Janeiro, Brasil, o avô Cândido fixou raízes como proprietário rural nas margens do rio e cuidava de lavouras, serrações e fretes, com carros de bois que ainda prestavam serviços ao compadre Manuel, puxando rabelos à sirga*<sup>5</sup>.



Fig. 2: Painel de mosaico em Caldas de Aregos, Resende, Portugal. Fotografia de Ernesto Matos.

Apesar de os efeitos nefastos da II Guerra Mundial se fazerem sentir na penúria das populações, António cresceu, livre e despreocupado, na proximidade do Douro e dos seus barcos, observando a fauna piscícola e o arrotear dos campos em directo contacto com a natureza e com homens *tementes a Deus que certamente não via o quanto sofriam os carrejões ou carrejonas que subiam do rio às serras, por quelhos de pedregulhos e silvedos, nem os que pulavam de fraga em fraga, alçando cordas e arames, saltando para o barco e agarrando desesperadamente em pás, remos e espadelas para prevenir o naufrágio.*

*Navego no sossego das águas  
que cobrem as fráguas,  
lagoas e milheirais  
da minha infância.  
Que é do rio  
que, no Inverno bravio,  
era imagem de procela —  
um dodivanas que tudo  
levava na corrente?*<sup>6</sup>



Fig. 3: Penedo de São João, Resende, Portugal. Fotografia de Ernesto Matos.

Vida indiscriminadamente dura mesmo para um arrais, como o jovem pai José, que, com pequenos réditos, não vislumbrava futuro para os filhos se continuasse a mourejar num rio tão bravo, e por isso, na procura de granjear melhores oportunidades para a família, decidiu aventurar-se em busca de mais proventos e emigrou para Angola, onde a doença o vitimou escasso tempo depois da chegada a essas terras africanas, quando António apenas tinha quatro anos de idade.

A mãe, agora viúva, regressou à casa paterna juntamente com os dois filhos mais velhos e António, o filho mais novo, passou a residir em casa do avô paterno.

Entretanto, o negócio dos rabelos soçobrou face ao desenvolvimento do transporte rodoviário, aliado do outro grande competidor — o comboio, levando o avô Manuel a afogar as mágoas de taberna em taberna e nos resquícios mais remotos da memória [o nosso autor] *tem lembrança de desleixos e até de fome e daí ter passado a viver em casa de um tio [...] calcorreando caminhos de degredo, fizesse calor ou frio de rachar, sobretudo em tempos de Invernos bravos com o codo das manhãs a cristalizar as lágrimas das noites.*

Na escola primária, tornou-se notado pelo seu apego ao desejo de saber, sobretudo no campo das letras, revelando um dom natural para as redacções, e, de seguida, ingressou no Seminário de Resende<sup>7</sup>, onde fez apenas três anos de escolaridade secundária. Mas foi aí que nasceu a quase inata vocação para a escrita, que o acompanhará pela vida fora, como chama inextinguível. Lembra-se bem que era Inverno, nevava e lia a “Balada da Neve” de Augusto Gil. E nesse ambiente de alvura e quietude sonhou que também ele poderia pôr a neve a bater na vidraça e escreveu então os primeiros versos da sua vida, certamente inocentes e pueris, que *ainda devem morar nalgum velho caderno esquecido em alguma gaveta na Casa da Poesia.*<sup>8</sup>

Depois, foi o ler, o desesperadamente tudo ler, especialmente o que havia na biblioteca itinerante da Fundação Calouste Gulbenkian que, periodicamente, visitava a aldeia natal. No entanto, António Correia afirmou-nos que *nenhum autor ou obra literária*

ESTUDOS DE MACAU

*específica o influenciou fortemente, mas, de certa forma, a globalidade das obras literárias de Miguel Torga exerceu sobre ele um certo fascínio e alguma influência literária.*

A adolescência aconteceu em Lisboa. A mãe, viúva, tinha-se fixado e vivido em Lisboa com os dois irmãos, na sequência do segundo casamento do avô Cândido. E a Lisboa o autor também mais tarde aportou, sozinho, de maleta na mão, passando a viver com a família, todos aboletados no pequeno restaurante de um tio que servia de casa improvisada, quando, à noite, o estabelecimento fechava. O autor começou a estudar em escolas nocturnas diversas, pagando as propinas até ao limite do seu magro salário e concluiu com distinção o ensino secundário, após o qual se matriculou na Faculdade de Direito de Lisboa<sup>9</sup>.

O serviço militar foi cumprido em Portugal e Angola. Ingressou no Curso de Oficiais Milicianos da Escola Prática de Infantaria, em Mafra, no ano de 1969. Seguiu-se a colocação no Regimento de Infantaria de Abrantes onde era instrutor quando ao quartel chegou a notícia da morte de Oliveira Salazar, então já substituído na chefia do Governo português por Marcello Caetano.

Mobilizado para a guerra em Angola, foi para N'Riquinha, no Cuando-Cubango, sudeste angolano, tendo assumido o comando interino da Companhia<sup>10</sup> durante cerca de oito meses, experiência que o fez amadurecer como administrador e condutor de homens. A segunda parte da comissão de serviço fê-la na Região de Maquela do Zombo, norte de Angola, onde foi Comandante Militar do Mavoio e, depois, da Quimbata na fronteira com a República do Zaire<sup>11</sup>.

Nas férias percorreu os passos do seu falecido pai por terras dos Dembos<sup>12</sup>, arriscando a vida por picadas sem fim até encontrar o cemitério onde ele repousa em Nambuangongo.

Durante este período de serviço militar, foi estudando Direito e aproveitou para fazer um curso de Secretariado por correspondência, que concluiu com distinção. Foi-lhe conferido público louvor e medalha militar pela actividade desenvolvida como Alferes Miliciano em Angola.

Sem dúvida o destino o levou às terras onde o pai pereceu, mas também foi aí, no aquartelamento em Angola, que o seu espírito foi sendo iniciado nas coisas do Oriente pelas longas conversas de camaradas militares, especialmente o capitão da sua companhia que já tinha experienciado Macau e as suas seduções nos tempos turbulentos do 1-2-3<sup>13</sup>.

Retorna à cidade de Ulisses, findo o serviço militar em África. Em Lisboa ingressou no Banco de Angola e continuou, em regime pós-laboral, a frequência do curso de Direito. Nessa situação se encontrava, quando ocorreu o 25 de Abril de 1974, tendo a conclusão do curso acontecido um ano depois, em 1975.

E é nesses agitados tempos do PREC (Processo Revolucionário em Curso) que exerce funções sindicais, organizando e liderando uma Comissão de Trabalhadores, tendo sido eleito para integrar os Corpos Directivos do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas.

Mais tarde entrou no radar da caça de talentos da época porque foi notada a sua competência profissional e a sua capacidade para gerir conflitos e harmonizar posições que, à partida, pareciam inconciliáveis, tendo recebido uma proposta do Banco Totta & Açores que o convidou a trabalhar em Macau e, no início de 1980, pela vez primeira aí aportou!

Foi amor à primeira vista, sendo “Tancareira”<sup>14</sup> o primeiro poema dedicado a Macau.

*Na tua sampana,  
Com lençóis de luar,  
Fazes a cama  
Em que te vais deitar.  
O arroz escasseia,  
O trabalho não.  
Complementas a ceia  
Com uma oração  
À Deusa A-Má  
Que tudo pode  
E que amanhã  
Te não acode.*



Fig. 4: Vista do Rio Douro a partir da Casa da Poesia, Caldas de Aregos, Resende, Portugal. Fotografia de Ernesto Matos.

Em Macau continuou a sua profissão de advogado, tendo, no contexto das crises bancárias com epicentro em Hong Kong e que contagiaram Macau, sido administrador liquidatário de vários bancos<sup>15</sup>.

Pouco relevante para os propósitos literários, mas ainda assim deixando marcas, foi uma actividade forense ampla, diversificada e de discreto sucesso, com milhares de escritos jurídicos nos arquivos dos tribunais<sup>16</sup>.

Saiu de Macau em 1997, passando a residir em Lisboa, mas manteve um estreito e assíduo contacto com Macau, onde fisicamente tem regressado com frequência e por longas temporadas. Em Abril desse ano, iniciou uma colaboração com o Governo português gerindo a entidade responsável pela execução do projecto de expansão do Aeroporto da Madeira (Funchal) e, em reconhecimento do trabalho então desenvolvido, foi agraciado com o grau de Grande Oficial da Ordem do Mérito pelo então Presidente da República Portuguesa Jorge Sampaio.

Aventurar-se a investir no Brasil aconteceu por mero acaso. Tal como as aves migratórias o nosso escritor conhece muito bem o ninho, mas não sabe estar sempre no mesmo lugar! Visitas exploratórias, um olho na raiz de Macau e outro no mundo, Portugal apenas como passagem, mas nunca como ideia de um regresso definitivo! No Brasil, o destino cruzou António Correia com velhos amigos e com eles criou, em Fortaleza, a Lusobras, Incorporações, Investimentos e Administração, Ltda., uma empresa que se mantém em actividade, sobretudo na área das energias renováveis.

Nos últimos anos tem repartido a vida entre Portugal, Macau e Brasil, tendo-se dedicado a publicar poesia nas redes sociais<sup>17</sup>, nomeadamente no Facebook, por considerar que [é] *uma bênção o Facebook que me permite o devaneio de ir publicando uns poemas! Mas a prosa, senhores, a prosa que se alonga e se prolonga em páginas tantas não dá para convencer o mais empedernido utente de smartphone a aguentar a tortura! É o tempo da mensagem curta, sincopada e que, lida, é logo descartada! Que o poema ao menos seja o pirilampo nesta noite virtual!*<sup>18</sup>

E assim nasceu e se desenvolveu o poeta e prosador que sempre procurou dar testemunho do seu tempo e dos lugares aonde o destino o conduziu. Nos livros que leu encontrou os caminhos que escolheu, após se interrogar *porque não ser advogado* e porventura tribuno, se os escritores clássicos o tinham sido! Isso explica a carreira profissional que teve, mas a que, segundo ele, pôs deliberadamente ponto final por causa da escrita a que continua a votar-se.

Tanto no estilo como na temática narrativa ligada ao Douro e regiões do norte de Portugal notam-se influências dos escritores Miguel Torga e João Araújo Correia. Mas muito se afasta de Torga no que respeita ao portuguesismo, pois este escritor apreciava negativamente alguns feitos heróicos portugueses e além disso era contaminado por um certo iberismo, que de algum modo secundariza determinados aspectos da história e cultura de Portugal<sup>19</sup>.

ESTUDOS DE MACAU

Da obra publicada, poderá dizer-se que nela se representa o percurso de uma vida pelo mundo repartida. O seu conteúdo revela estados de alma, lamentos e exaltações, pensamentos, princípios, valores e também alguma metafísica, influência sem dúvida também da vivência macaense com deuses e duendes a pairar no universo, não só da crença individual, mas no da apetecida pertença a um cosmos deslumbrante onde cabe a meditação e a influência de densa herança cultural; prosas dispersas por contos, casos do acaso dos seus passos, romances também com substrato na vida real de tanta gente a quem o nosso escritor reteve a alma e poupou a identidade, transfigurando pessoas em personagens e acontecimentos reais em fantasia libertadora, onde mesmo no género narrativo não deixa de poetar.

A Professora Graziani (2012) destaca que *a simplicidade, seja ela exterior ou interior, e consequentemente, a preocupação de se centrar não tanto na riqueza material, mas antes no cuidar e no bem-estar da alma e na percepção e compreensão dos sentidos*, é uma das principais características reflectidas na obra de António Correia. Considera ainda que a temática central do discurso poético de António Correia se centra na *oposição luz-sombra / penumbra* revelando, no entanto, um *pleno respeito pela lógica da complementaridade*.

Sobre a herança que traz no peito, o escritor e também poeta António Bondoso, referindo-se a António Correia, afirma que *o poeta é um “Beirão” do sul do Douro — Resende — e dali levou para Macau uma sensibilidade telúrica muito própria e moldada na sua função de homem de leis*<sup>20</sup>.

**Abrindo Caminho** (1976, 1990) (contos e poesia), é o marco inicial da sua carreira literária, tanto na narrativa como na lírica. Seabra Pereira (2015, p. 384) afirma que já nesta obra se *dava a antever a superioridade da vocação de contista sobre a de poeta lírico na posterior obra literária de António Correia*, no entanto, consideramos que esta opinião é discutível porque não contempla a vasta produção literária do autor, tanto em prosa quanto em verso, publicada após 2015.

**Miscelânea** (1987) reúne contos e poesia para crianças que se assumem como mensagens aos jovens em geral e aos seus filhos em particular. De facto, esclareceu-nos o autor que os textos foram compilados por sua esposa a fim de serem publicados dado terem inicialmente o propósito de serem para os seus dois filhos.

A primeira parte intitulada Poemetos são mensagens em verso e a segunda parte, Historietas, são contos infantis breves, muitas vezes ecos das vivências do autor, nomeadamente em África, Macau e Arábia Saudita.

Na contracapa pode ler-se: *Sôfrego de vida não quero amarras / O meu destino é voar / em busca do infinito*.

**Conjugando o Verbo Amar** (1989) começa com uma nota a que chama de *Explicação Necessária* para, tal como Fernando Pessoa, assumir que se trata de poemas de amor ridículos *paridos ao longo de vinte e cinco anos*, tudo indicando tratar-se de poemas escritos entre os 15 e os 40 anos. Dedica os poemas a uma amada que por vezes é inacessível e de coração duro, mas noutros alimenta a esperança de que ela um dia o ame e se veja para junto dele.

*Virás um dia*

*Meiga e serena*

*Envolta em luar*

[...]

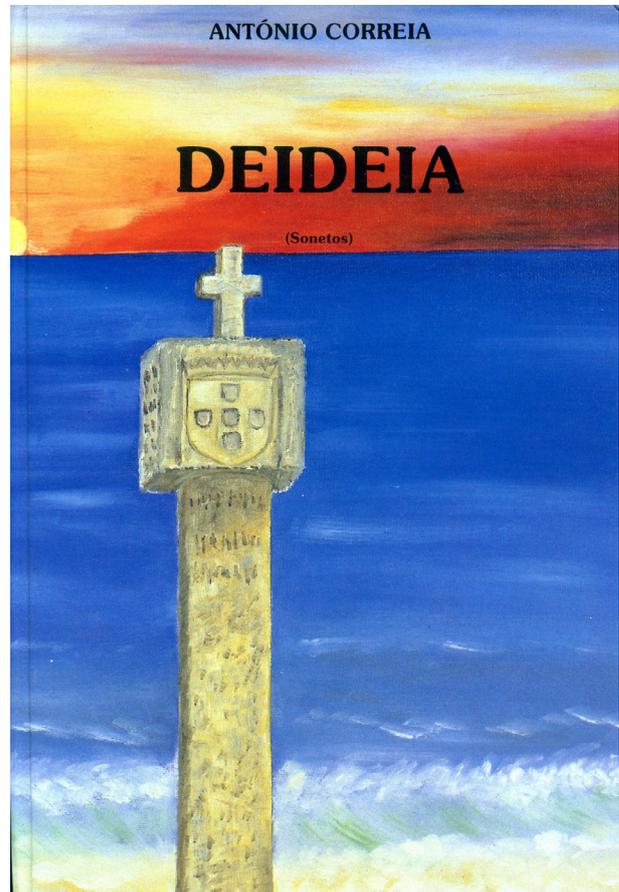
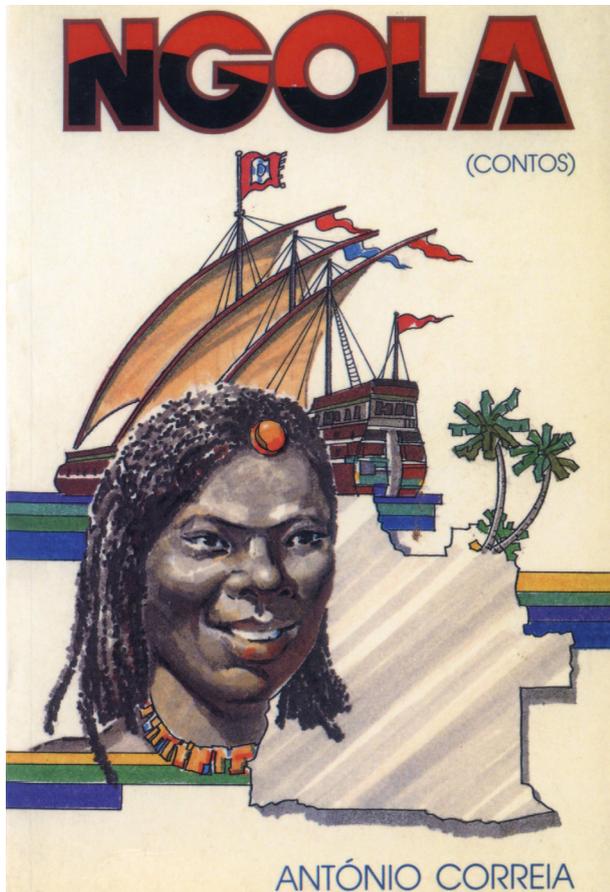
*Um dia virás*

[...]

*Para junto de mim.* (p. 30)

Em nosso entender é um conjunto de poemas repletos de sentimento e gritos de amor sofrido e reprimido (*São para ti estes versos a esmo / A alma os gerou, o corpo os sofreu / Pintei-os de mágoa [...] Que canto em segredos / E choro em silêncio.*) (p. 17).

**Folhas Dispersas** (1989) é uma obra poética em que há muito de autobiográfico em especial a constatação de que as condições da vida o obrigaram a enveredar por uma profissão que lhe permitisse sustentar a família e a colocar de parte o desejo de ser escritor. Afirma que aos 15 anos escreveu *Colar de Pérolas* e um ano depois um



*pretenso romance* e uma *suposta peça de teatro* e que apesar de a tipografia lhe pedir apenas o equivalente ao preço actual de dois pares de sapatos, nessa altura não tinha dinheiro e teve que desistir e colocar primeiro a carreira profissional e deixar para mais tarde as letras. Logo no início afirma já não saber escrever versos porque tem estado enredado com a linguagem burocrática e jurídica, passando a vida *em apelos ajoelhado / pondo a alheia desgraça / em papel selado* — poema de António Correia inserido na obra *Miscelânea — mensagens em prosa e verso para crianças*. Macau é também tema de versos em que se refere a essa cidade como seu *berço de adopção* onde mergulhou de alma e coração.

Há versos em que o autor se refere explicitamente a si próprio, como o poema intitulado “Aniversário”:

*Baptizaram-me de António  
Mas meu nome é viagem.  
A meio da vida meu património  
É um passaporte e um sonho por bagagem*

Os tempos africanos de serviço militar, ficarão em parte plasmados em obras como *Ngola* (1990), um livro de contos que reflecte o ambiente militar então vivido. E de Angola permanece também o grito da memória do sacrifício do pai<sup>21</sup> que posteriormente ecoa pelo Vale do Douro no romance memorialista *Bom Dia, Pai!* (2010).

*Deideia*<sup>22</sup> (1992) é uma colectânea de 44 sonetos evocativos da gesta lusa na antiga Índia portuguesa, por vezes referindo grandes figuras, como Camões e Pêro da Covilhã, com saudades de um Império que não mais voltará, mas sem passadismos, pois *Império não quero*,

ESTUDOS DE MACAU

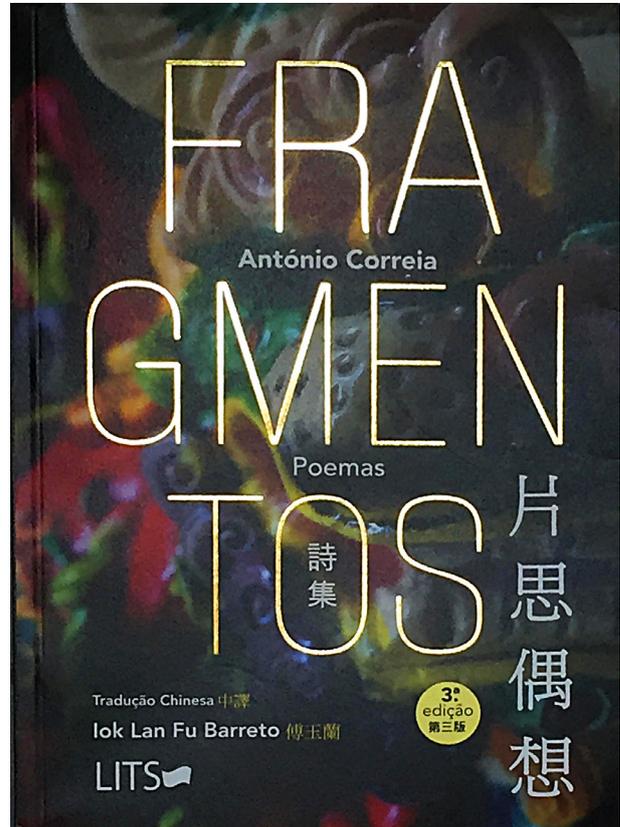
*mas Ideia / cada povo é livre e com direito / à herança que traz no peito* (p. 111). As ilustrações são do indiano Vamona Ananta Sinai Navelcar, que usa o pseudónimo artístico Ganesh, e esta obra está dividida nas seguintes partes: Nótula, Prelúdio, A Terra Goesa, Rostos, Vibrações, Sinais (História e figuras históricas) e Raízes.

Macau transformou o homem, o poeta e o escritor influenciando-o e, de certo modo, moldando-o na sua completude. *Amagao, Meu Amor, Fragmentos, Serenidade, Contos de Ou-Mun e Rua sem Nome* são os espelhos maiores da sua alma enamorada da terra e das gentes macaenses, bem como da vetusta sabedoria oriental, da força das suas tradições e da fina beleza das suas artes.

*Amagao, Meu Amor* (1992) é uma colectânea de sonetos que Graciete Batalha considera ser uma poesia integrada na temática da angústia, que então, embora não *prevaleça, mas pervaga toda a poesia actual de Macau* (BATALHA, 1992), retratando o ambiente que então se vivia em Macau.

A leitura de *Fragmentos* (1994, 1996, 2021) levou Tou Lei<sup>23</sup> a afirmar que:

*[a]s cores e sons nos versos vêm da emoção do poeta e já não são mais cores e sons comuns. [...] trazendo à tona a filosofia budista de “os pensamentos estão navegando” e colocando os leitores em associações misteriosas. Não se sabe se António Correia foi influenciado pelo Zen do budismo chinês, mas [...] podemos ver alguns laivos do mistério do budismo. António Correia não é macaense, mas integrou os casos românticos deste lugar, ficando triste e sentimental, até chorando. Este tipo de sentimento do poeta não tem nada a ver com a sensualidade: na sua obra as cantoras das casas de lazer e os salões de apresentação de danças e óperas são como flores perfumadas e belas mulheres, são objectos de contemplação e devaneio do poeta. Essa técnica de escrita, encontra-se em todos os momentos e todos os países, só que António Correia tem uma paixão especial pela Rua da Felicidade, por isso a sua escrita parece muito mais tocante.*



*António Correia, vem do Ocidente, mas afirmou que o sopro do Universo vem do Dragão, adoptou e reconheceu a cultura chinesa com uma atitude positiva. Essa é a sublimação do conceito do poeta, mas também se torna perceptivo e encerra todo o poema. A refinada linguagem poética delinea um belo reino poético. E quando o poema vem da mão de um poeta ocidental, é especialmente surpreendente e aprazível.*

*A maturidade de pensamento de António Correia também se reflecte na sua atitude em relação ao Amor. O Amor é um tema eterno da literatura. Para os poetas, é muitas vezes fonte de inspiração. António Correia não tem muitos poemas dedicados especificamente ao Amor. Na verdade, alguns dos seus poemas estão cheios de carinho e ternura. É uma boa ideia lê-los como poemas de amor.*



*Contos de Ou-Mun*<sup>24</sup> (1996, 2020) consiste num conjunto de contos breves onde a grande personagem que, de forma evidente ou subjacente atravessa toda a obra, é Macau, personagem colectiva que unifica a obra no seu conjunto e é retratada num tempo situado entre 1986 e 1996. Mas pode também se afirmar que cada um dos contos é uma unidade autónoma com quadros sociais em cujo palco surgem macaenses, chineses e portugueses maioritariamente das classes mais humildes da sociedade macaense, retratando as suas grandezas e misérias num realismo contido, desprovido de moralismos inadequados. Por isso a obra no seu conjunto é um álbum de memórias datadas, bem podendo considerar-se documentário histórico de ambientes e espaços de uma sociedade ora já inexistente.

Anote-se ainda que não é difícil encontrar nesta narrativa alguns trechos de prosa poética como patente, por exemplo, nas expressões: *A fornalha húmida, do dia já claro, com um sol esplêndido a rasgar uma auto-estrada de luz sobre um mar de ouro baço* (Três Dólares) e [...] *escultura viva que exibia um sorriso mais doce que o de Mona Lisa* (My Club).

*Rua Sem Nome* (1999) é o registo de um tempo que marcou a transição da Administração de Macau para a República Popular da China, no período que culmina em 1999, e a expectativa em relação ao fim da presença portuguesa e às incógnitas acerca daquilo que eventualmente poderia verificar-se. O autor pretende retratar e, de facto, retrata alguns aspectos da sociedade de Macau no último período da Administração Portuguesa (1974–1999), entre a Revolução dos Cravos e a efectiva transição do exercício da soberania sobre Macau da República Portuguesa para a República Popular da China. É o próprio autor que no Prelúdio que antecede o romance escreve que *as cenas, salvo as memórias de pretérito desfiadas por uma ou outra personagem, têm início em 1979 e terminam precisamente neste ano da graça de 1999 em que se encerra o ciclo do Império Português e a China se sente liberta do último ferrete da sua história milenar...* (CORREIA, 1999, p. 10).

*Serenidade* (2000) é uma colectânea de poemas dividida em cinco livros com os seguintes títulos: Contemplações, Afeições, Peregrinações, Recordações e Exortações. O poeta dedica a obra à sua mãe, Maria da Conceição, *porque soube guiar os meus passos com a força serena do seu exemplo*.

Nesta obra, que começa com o poema “Oração à Serenidade” há reflexos do peregrinar do Vate pela sua terra natal, por Cabo Verde, Angola, Macau e Brasil.

*Oratus*<sup>25</sup> (2002), colectânea de uma selecção de poemas, foi publicada tendo como finalidade de divulgação da poesia de António Correia.

*Contos Cearenses* (2002) reúne um conjunto de 18 contos e, conforme se afirma na Nota à segunda edição, *o autor acolheu no texto palavras e expressões*

ESTUDOS DE MACAU

*tipicamente cearenses, bem assim, formas sintácticas e ortográficas em uso no Brasil, reforçando o colorido dos quadros*, o que em nosso entender confere à narrativa uma grande dose de realismo, só possível por quem viveu bem desperto no Brasil nordestino. Em nosso entender *Contos Cearenses* serão porventura alguns dos melhores textos em prosa do nosso autor, onde se bem combinam uma agilidade, que só um longo treino na escrita pode conferir, e uma perspicácia analítica que leva o retratista social, que António Correia é, a registar os traços fundamentais dos quadros e dinâmicas sociais que pretende surpreender e registar.

*Flores do Bem* (2004) é uma obra poética que, nas palavras do poeta brasileiro Dimas Macedo, é *um livro exemplar sob todos os aspectos, pois, além de ser um contraponto às célebres Flores do Mal de Baudelaire, é um livro de formação oriental, salmítica e cristã a um só tempo, escrito com a leveza e o domínio de linguagem dos iniciados*.

Dessa obra citamos o poema “Libertar os Sentidos” em que o autor exorta a não se atrofiar a plena liberdade dos sentidos, assim atingindo um estado de alma que permita contemplar a efémera essência da beleza.

*Não atrofies os sentidos;  
Liberta-os, no esplendor  
Das suas asas;  
deixa-os voar,  
[...]  
Só assim atingirão  
O sobrenatural encanto  
Da beleza,  
Daquele efémero instante,  
Em que a mão encontra a mão  
E o olhar, o olhar!* (p. 104)

*Memórias do Meu Rio* (2005) é uma obra escrita *in memoriam do avô Manuel e do pai José, ambos arrais dos rabelos que o autor afirma navegarem*

*ainda no seu próprio sangue* (dedicatória). No prelúdio afirma o autor que se limitou a *ir ao sótão da memória para me reencontrar na raiz do povo em que sou nascido, procurando ser fiel ao espelho onde mirei a face da minha infância, passada no rio que me foi berço e que levei comigo para todos os lugares do mundo [...]* *sonhando-a como apelo de regresso* (pp. 9–10). Esta obra reúne *histórias de um tempo e lugar específicos com alguns rostos ficcionados a partir de uma pluralidade de factos e circunstâncias [...]* *colagem de rosto sobre rosto, de facto sobre facto, de circunstância sobre circunstância*, pretendendo o autor que cada personagem seja toda a gente e ninguém. E entre os personagens está o próprio autor, então ainda pequeno rapaz aventureiro, evidenciado por exemplo no conto *Pescaria*.

*Contos Fabulosos* (2006) encerra um conjunto de histórias de gente e bichos apresentadas *na sua rudeza total, com misérias e grandezas, com claridades e brumas* onde o autor vai buscar *alguns sinais* para descrever os estados de alma dos personagens. Segundo o autor há contos ficcionados e outros que são retratos de casos reais, no entanto, *não são contos exemplares* porque tanto os humanos como os animais sofrem da irracionalidade de angústias, egoísmos inatos e de desejos de vingança. Nesta obra o autor desafia o leitor a questionar-se sobre os nossos comportamentos de forma a descobrirmos *o que há em nós de bicho e de dimensão de alma de gente nos animais* (Prelúdio). De notar que o último conto é intitulado *Amor Felino*, precisamente o título do conjunto da obra poética *Amor Felino* (2009).

*Aldeia da Paz* (2007) é um romance em que, como se pode ver no prelúdio, o autor começou a escrever sem que previamente tivesse uma ideia do que iria contar e que, curiosamente, foi escrito no Brasil, onde germinou e 18 meses depois foi concluído em Macau e em Portugal (Douro). O autor confessa ter sido influenciado pelos romances *Uma Carta Que Chegou Tarde Demais* e *As Meninas da Comenda* de Joaquim Correia Duarte<sup>26</sup>. Escrito na primeira pessoa, o romance transmite a *postura*

*moral* do autor *perante a vida e o mundo*, já presentes na sua obra poética. O enredo passa-se numa *aldeia perdida entre montanhas*, uma aldeia que existia de facto e que o autor diz conhecer bem porque chegou à Aldeia da Paz e se num primeiro momento tudo lhe pareceu aprazível, logo, passado pouco tempo, se apercebeu que nem tudo ali era perfeito já que se viviam dramas e lutas entre as várias personagens que habitam o romance.

*As Duas Faces do Poema* (2008) é uma obra em que até o título reflecte a ideia subjacente de juntar a poesia de António Correia e a ilustração de Teresa Portela, um casamento feliz entre palavra e imagem.

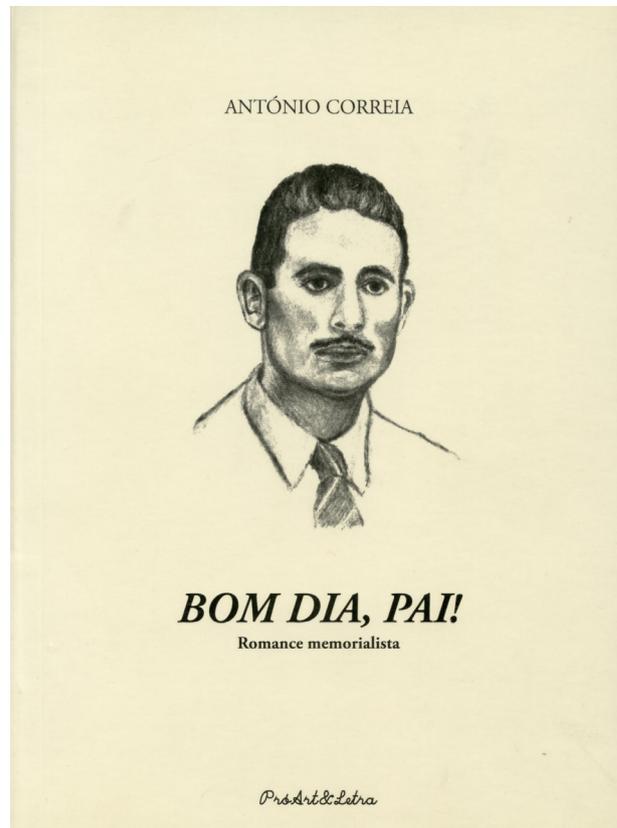
*Está tão lindo o sol e a nossa rua  
ficou tão bela  
e tão morena  
que é um pecado não a pôr bem nua  
numa aguarela e num poema*  
("Pórtico", p. 5)

Através das memórias o poeta e a pintora revisitam Lisboa, a cidade *tão cheia de contrastes mas tão bela* (p. 24).

Este conjunto de 56 poemas levam-nos a espriar o olhar pela cidade para, logo de seguida, nos fazer parar perante uma igreja, uma janela, as cortinas de uma janela, uma varanda, e por aí adiante, sendo o roteiro ilustrado pelas aguarelas que nos mostram cada detalhe da cidade.

*Amor Felino* (2009) é uma obra poética que nasce de uma aversão (a gatos) tornada paixão e materializada em versos que vão revelando os mais íntimos sentimentos do poeta e a sua simplicidade e enorme capacidade de observação e comunhão com os animais.

*Não sei se é amor,  
mas tenho medo de perder-te,  
dengosa menina,  
que me pões de ti perdido* (p. 10)



*Bom Dia, Pai!* (2010) é um romance memorialista em que os factos não são ficcionados, mas vão sendo contados ao ritmo de narrações emotivas e poéticas. Conta uma história de amor que acontece ao longo de um século marcado pela Grande Guerra e até aos dias de hoje, com referências à guerra colonial e à emigração para o Brasil. O cenário é o Douro nos tempos em que o transporte entre o interior e a cidade do Porto era feito por barcos rabelos navegando num rio cheio de leixões e outros perigos. Resende, e em menor escala Lisboa e Angola, são os espaços onde se movimentam os actores reais.

*Minha Raiz* (2010) é um desfile de memórias da vida do autor que se desnuda e traz ao leitor a sua própria vida revelada em verso. Dividida em várias partes (Antelóquio, Da Infância, Da Partida, Das Mudanças, Do Regresso, Das Recordações,

## ESTUDOS DE MACAU

Das Estações e Do Ciciar da Alma), é, sem dúvida, uma autobiografia poética que nos dá conta de uma infância difícil, da partida e da jura de nunca mais voltar, das andanças pelo mundo (Angola, Brasil e Macau), do regresso e da luta entre a dor que o passado ainda lhe provoca, mas sobretudo da dor que emerge por sentir que pertence àquele lugar a que um dia jurou não mais voltar, mas que ama profundamente.

*Filho pródigo sou, mas não renego  
a ferida que dói na minha mágoa ...  
Ela morde-me a alma e faz meus ais  
chorarem como fonte, sem ter água  
para afogar o remorso do meu ego,  
por ter partido um dia com vontade  
de nunca mais voltar, oh! nunca mais* (p. 59)

*Três vezes dei a volta ao mundo  
e vivi em quatro continentes,  
mas foi aqui o berço, agora é casa  
onde me reencontro e me confino,  
desafiando as memórias, presentes  
que herdei de tanta luta e tanta andança.* (p. 43)

Há uma ligação profunda e um exaltar da natureza na qual se destaca o rio (Rio Douro) que é um elemento omnipresente em toda a vida do poeta. Aliás, esta temática do Douro e do visitar do passado é o centro de *Minha Raiz* pelo que, em nosso entender, estas duas obras, uma poética e outra em prosa, constituem a força central de António Correia que leva sempre na bagagem as memórias da sua infância e das gentes que a povoaram. Uma outra vertente temática tem a ver com o Oriente, dedicando também alguns versos a Macau para transmitir o seu agradecimento a esta terra à qual desenvolveu uma forte ligação afectiva, mas que ele afirma *não merecer* o tanto que Macau lhe deu no sentido de lhe abrir horizontes para outra cultura.

*Ah, Macau, meu Macau e minha China,  
não vos mereço, não, mas agradeço  
de todo o coração a vossa dádiva  
de cultura e de crença, cristalina  
entrega, onde me espelho e reconheço  
homem melhor talvez e um pouco sábio* (p. 53)

No final o poeta confessa ter encontrado a sua raiz e estar feliz porque se reconciliou com o passado:

*Resende minha raiz,  
espartano espaço do meu berço,  
lugar dos sonhos todos de menino  
e onde agora sou feliz  
porque esqueço  
tudo o que sofri* (p. 136)

*Mãe Maria* (2013) é uma homenagem que o poeta António faz, de forma sentida e profunda, à mãe, retratando sobretudo a sua luta nos momentos finais da vida, a sua partida e a saudade que sente pela ausência.

*Secaram as palavras... De um só trago,  
Bebo as lágrimas para que as não vejas  
E falo com as mãos em cada afago,  
Teu rosto sem espaço... Tantos fios,  
E os meus dedos entre eles só solfejam  
Saudades longínquas de navios* (p. 16)

Os poemas têm como única temática a mãe do autor e estão agrupados por secções: I – *Status quo ante* – 6.9.2013; II – *Via-sacra* – 1.ª estação – 7.9.2013; III – *Em paz* – 3.10.2013 e IV – *Um mês depois* – 3.11.2013, sendo que algumas partes apenas incluem um poema. A parte II relata a luta da mãe em final de vida, sendo esta a mais extensa, o que nos sugere ter sido uma fase que o autor viveu de perto e lhe provocou sentimentos profundos tanto pela mãe como pela condição do homem perante a doença e a morte.

*Lisboa em Haiku*<sup>27</sup> (1976, 1990) é uma obra poética, cuja forma é inspirada na cultura japonesa, em que a ilustração de Teresa Portela<sup>28</sup> e a palavra poética se fundem para darem corpo a um poema onde Lisboa desfila engalanada pela sua história e adornada pelos sentimentos que desperta ao leitor.

*Todo o sonho é tudo  
Lisboa cais metafísico  
onde cabe o mundo* (p. 1)

*Amor Canino* (2016) é uma obra em que o autor declara o seu amor e respeito pelos animais, declarando no Prólogo que *[e]sta é uma verídica história de amor que não tem nenhum manto ficcional* (p. 5). Num estilo de prosa poética o autor narra, na primeira pessoa, a vida da Sissi a quem no final do livro apelida de *Sua Alteza Real a Rainha Sissi de Santo Alandroal, legítima soberana do Sítio de Arrais, um puríssimo-sangue da melhor linhagem dos Rafeiros Alentejanos* (p. 38). Podemos afirmar tratar-se de uma escrita intimista em que o autor revela os seus mais profundos sentimentos não só pelos animais, mas também pelos seres humanos, incluindo na história a Teresa, esposa do autor, e Jorge e Jacinto, a quem chama irmãos de afecto, entre outros personagens secundários.

Registámos vários marcadores que indicam a ligação emotiva do autor a Macau, como, por exemplo, ao assinalar um mês após a chegada da Sissi à Casa da Poesia a expressão usada é *Iâm pui! Iâm pui!*<sup>29</sup> (p. 18) e também quando refere que conheceu o amigo Jorge nesse *Oriente da via, Macau dos afectos mais ternos e duradouros, porque naquele cantinho deste mundo global [...] os deuses todos dão as mãos e fomentam [...] como quem ora o sentimento único da tolerância recíproca* (p. 10).

A análise breve da extensa obra permite concluir que António Correia se assume como poeta e escritor sem pressas, sem angústias, sem

desmedidas ambições, mas com o coração a chorar de emoção ao ver-se no espelho das palavras quando estão sintonizadas com o que as mãos transcrevem das linhas antes já impressas na sua alma de artista da palavra.

E poesia nasce também para ilustrar fotografia tendo como temática central a calçada portuguesa. Mas, como e porquê surge a calçada portuguesa como inspiração?

Este projecto despontou do desafio que lhe foi lançado por Ernesto Matos<sup>30</sup> para dar voz à fotografia, tendo como temática a calçada portuguesa. Os frutos estão à vista em obras de grande qualidade gráfica e estética, *Calçada Portuguesa no Mundo — Stellis Undis Contactis*, *Calçada Portuguesa — Lux Platearum*, *Calçada Portuguesa — Scriptum in Petris*, *Lisboa Lux Candens*, *Calçada Portuguesa — In Excelsis Petris* e *Calçada Portuguesa — Naves in Petris — Poética*. São obras para ler e ver com cuidado e pormenor, onde imagem e poesia, mesmo sob forma de prosa, casam em grande harmonia estética.

Quase todas as obras publicadas são pelo autor dedicadas a familiares e amigos, sendo muitos textos também relacionados com o próprio autor e/ou com pessoas da sua família mais próxima. E em quase todas as publicações as palavras do autor fazem-se acompanhar do desenho, pintura ou ilustração de Teresa Portela, sua esposa, companheira artística e inspiradora. Daí o termos questionado sobre a influência que ela exerce na sua escrita ao que ele ripostou *em boa verdade é uma influência recíproca no sentido em que cada um incentiva o outro a produzir e acontece quer o poema ilustrar a pintura quer a pintura ilustrar o poema. Nada mais que isso!*<sup>31</sup>

Finalmente, referimos que partilhamos a asserção da Professora Michela Graziani (2012, pp. 261–262) e consideramos que o pensamento de António Correia *serve de “ponte”, de intermediário entre duas culturas só aparentemente distantes [...]*

## ESTUDOS DE MACAU

*um pensamento que encontra na interculturalidade religiosa a própria origem e um “guia” para uma possível resolução das incompreensões humanas e para uma provável explicação dos enigmas universais.*

### CONCLUSÃO

António Correia, beiraltino-duriense por nascimento, macaense pelo coração e artista pelo manuseamento da pena reveladora da sua alma de artista, figura já hoje no registo dos autores da literatura portuguesa de Macau, não só porque aqui viveu uma boa parte da vida e produziu importante parcela da sua obra literária, mas sobretudo porque os seus escritos, tanto em prosa quanto em verso, retratam episódios, sentimentos e vivências desta cidade pelos portugueses ajudada a implantar no Império do Meio e ainda porque cessadas as suas actividades profissionais, nem por isso se desligou da oficina da escrita nem da terra da Deusa A-Má, mas, antes pelo contrário, mais fortaleceu os seus vínculos de ligação afectiva e de pertença imorredoura à Cidade da Flor de Lótus, como à Beira Douro mantém telúricos liames. E a vida também o levou a muitas outras paragens lusófonas como Angola e Brasil e, embora fugazmente, a Cabo Verde, onde o seu estro voou e deixou rasto nas suas obras literárias. Por isso poeta, romancista e contista de Macau e da Lusofonia, cidadão dos *Quatro Mares*, a sua obra literária, por vezes retrato de um tempo de vésperas que se está completando, além de arte é igualmente documento histórico que contribui para o correcto entendimento do passado, principalmente na grande pátria sua e nossa, que na feliz expressão pessoana é, afinal, a língua portuguesa.

Neste artigo fez-se uma inventariação, tão exaustiva quanto possível, da vasta obra literária de António Correia e uma breve referência aos seus conteúdos, acrescentando uma abordagem mais preocupada com a substância do que com a forma, embora com algumas referências a esta, muito

menos, por razões ditadas pelo tempo e espaço disponíveis para o objectivo que foi o de uma primeira abordagem global e sintética da vida e obra literária deste autor. Procurou-se também elencar o registo de algumas das principais referências à obra de António Correia, como foi o caso dos já indicados escritos dos Professores Michela Graziani, José Carlos Seabra Pereira e Tou Lei.

Até ao presente, António Correia conta com 30 títulos publicados, alguns dos quais já traduzidos para outras línguas, como chinês, inglês e japonês, contando com segundas e terceiras edições de várias obras. As suas narrativas incluem vocábulos e expressões de sabor local ou regional, conforme as acções reportadas se desenrolam em cenários do seu torrão natal, Lisboa, Cabo Verde, Angola, Macau ou Brasil.

António Correia, cidadão do mundo, passou a ser de todos os lugares e de lugar nenhum, pois a Europa, a África ou o Brasil são meros episódios no seu percurso de vida, assumindo ele Macau como sua raiz espiritual a que nunca renunciou.

Sem dúvida que António Correia é um escritor e um poeta de Macau, tendo o seu nome e partes de obras sido incluídos em *Trovas Macaenses*, *Antologia dos Poetas de Macau*, *88 Leituras sobre Macau*, *Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea*, *De Longe à China*, *Rio das Pérolas*, *Colectânea de Poetas de Macau* e *Catálogo de Autores Portugueses Publicados na China*.

Na sua vasta obra a poesia ocupa um lugar central, mas a prosa também é notável pelo estilo e marcada pela vontade de testemunhar o tempo que passa ou passou sob o seu olhar perscrutador e atento ao mundo que o rodeava.

Homem sensível e atento ao Outro é facto patente em toda a sua obra e isso traduz-se também na disponibilidade para abraçar projectos em colaboração, afirmar valores humanísticos e universais e estreitar pontes entre as várias culturas e respectivos sistemas filosóficos e políticos. **RC**

**Obras publicadas (cronologicamente):**

*Abrindo Caminho* (poesia e contos), Lisboa: 1976; (edição de autor, ampliada na segunda edição), Macau, 1990.

*Miscelânea — mensagens em prosa e verso para crianças*, Macau: Edição do autor, 1987.

*Conjugando o Verbo Amar* (poesia), Macau: Edição do autor, 1989.

*Folhas Dispersas* (poesia), Macau: Edição do autor, 1989.

*Ngola* (contos) Macau: Edição do autor, 1990.

*Deideia* (poesia), Macau: Edições Macau Hoje, 1992.

*Amagao, Meu Amor* (poesia), Macau: Edições Macau Hoje, 1992.

*Fragmentos*<sup>32</sup> (poesia), Macau: Edições Macau Hoje, 1994; Macau: C&C Advogados, 1996; Macau: LITS, 2021.

*Contos de Ou-Mun*<sup>33</sup> (contos), Macau: Livros do Oriente, 1996; Macau: LITS, 2020.

*A Caravela*, CD de poemas seleccionados pelo actor Jacinto Ramos, 1997.

*Rua Sem Nome* (romance), Lisboa: Arion Publicações, 1999.

*Serenidade* (poesia), Lisboa: A. F. Publicações, 2000.

*Oratus* (poesia), Lisboa: AIA — Associação Internacional de Artista, 2002.

*Contos Cearenses* (contos), 1.<sup>a</sup> edição, Fortaleza, 2002, 2.<sup>a</sup> edição, Lisboa: A. F. Publicações, 2002.

*Flores do Bem* (poesia), Lisboa: ProArt&Letra, 2004.

*Memórias do Meu Rio* (contos), Lisboa: ProArt&Letra, 2005.

*Contos Fabulosos* (contos), Lisboa: ProArt&Letra, 2006.

*Aldeia da Paz* (romance), Lisboa: ProArt&Letra, 2007.

*As Duas Faces do Poema*<sup>34</sup> (poesia), Lisboa: ProArt&Letra, 2008.

*Amor Felino*<sup>35</sup> (poesia), Lisboa: ProArt&Letra, 2009.

*Bom Dia, Pai!* (romance memorialista), Lisboa: ProArt&Letra, 2010.

*Minha Raiz* (poesia), Lisboa: ProArt&Letra, 2010.

*Mãe Maria* (poesia), Lisboa: ProArt&Letra, 2013.

*Lisboa em Haiku* (poesia)<sup>36</sup>, Lisboa: ProArt&Letra, 2015.

*Amor Canino* (prosa), Lisboa: ProArt&Letra, 2016.

**Obras publicadas em co-autoria com Ernesto Matos (cronologicamente):**

*Calçada Portuguesa no Mundo — Stellis Undis Contactis*, Lisboa: Sessenta e Nove Manuscritos, 2016.

*Calçada Portuguesa — Lux Platearum* (poesia)<sup>37</sup>, Lisboa: Sessenta e Nove Manuscritos, 2017.

*Calçada Portuguesa — Scriptum in Petris*, Lisboa: Mythus de Er, 2018.

*Lisboa Lux Candens* (poesia)<sup>38</sup>, Lisboa: Mythus de Er, 2020.

*Calçada Portuguesa — Naves in Petris — Poética*, Lisboa: Mythus de Er, 2021.

**AGRADECIMENTOS**

Os autores agradecem a António Correia a disponibilidade e o tempo despendido nas longas conversas para recolha de elementos biográficos e de contextualização das obras, bem como a oferta de alguns exemplares dos seus livros.

ESTUDOS DE MACAU

NOTAS

- 1 Alguns excertos de poemas inseridos ao longo deste artigo foram publicados pelo autor nas redes sociais, nomeadamente na página do Facebook, indicando-se a data de publicação sempre que os citarmos.
- 2 Setembro de 2017.
- 3 Macau Hoje, Rádio Macau; série de crónicas de crítica social sob o título *A Bica*, no programa da manhã de Hélder Fernando; Macau Hoje: transcrição das crónicas *A Bica*.
- 4 Publicado no Facebook em 5 de Agosto de 2021.
- 5 Esta como outras citações que aparecem ao longo do texto são extractos de “conversas” entre os autores deste artigo e António Correia ocorridas durante os anos de 2019 a 2022.
- 6 [...] *E eu, menino, ficava mudo, / ainda assim contente / por senti-lo maior que o meu medo. // Mas, de repente, vinha o estio / e ele sumia, quase em segredo, / entre penedias tais, / que lhe esmagavam a ânsia / de chegar ao mar! // Esse rio só existe / agora em mim e insiste / em me convocar / para a lembrança boa / das velas dos rabelos. // Bois e homens irmanados / na sirga, os gritos e apelos / do arrais, atento na proa / à manobra da espadela, / aos pontos, galeiras e fundões. // Nas margens, porém, os arados / fecundavam caboucos, aluviões, / ciclo do pão que o lago afogou. // Navego e estremeço na emoção / de sentir que estou / a afogar o coração.*
- 7 Publicado no Facebook no dia 22 de Agosto de 2021.
- 8 Nesta altura o Seminário era a única opção possível para quem queria prosseguir os estudos e não tinha capacidades financeiras para ingressar em colégios privados.
- 9 A Casa da Poesia, no sítio do Arrais, Resende, foi mandada construir por António Correia entre 2004 e 2008, e é aí onde de quando em vez ele se refugia para retemperar forças e recordar a fonte da vida que é o passado. *Vide Bom Dia, Pai!*, p. 232.
- 10 Para maiores desenvolvimentos ver *Bom Dia, Pai!*, p. 181 e seguintes.
- 11 Companhia é um tipo de unidade militar geralmente comandada por um capitão e composta por dois ou mais pelotões (cada pelotão com 30 soldados e comando de um alferes).
- 12 Os contos castrenses da obra *Ngola* relatam episódios reais desses tempos vividos em Angola durante os tempos de guerra colonial.
- 13 A obra *Bom Dia, Pai!*, que mais tarde escreveu e só publicou em 2010, *começou a ser escrita por volta de 2002, mas a emoção impediu-me de continuar até que em fins de 2009 decidi voltar ao trabalho porque a minha fonte inspiradora e arquivo vivo, minha mãe, merecia ver publicada a obra! Ela a leu e releu, esclareceu e entusiasmou dizendo a quem a quis ouvir, bastas vezes: “não estás a dizer mentira nenhuma”.*
- 14 *O relato da zona dos Dembos é rigorosamente verdadeiro e aconteceu deste modo: talvez no ano de 1971 tirei um mês de licença militar e, em vez de visitar Portugal, fui investigar na zona dos Dembos, na época muito perigosa, o que se terá passado, cerca de 20 anos antes, com a morte do meu pai. Tive a felicidade de identificar a casa onde faleceu e o cemitério onde ficou sepultado, ouvindo testemunhos de pessoas que o tinham conhecido do que tudo dou conta no livro sem nada alterar e que muito me emociona e honra com a nobreza do seu exemplo* (resposta de António Correia enviada por email no dia 23 de Janeiro de 2022).
- 15 O 1-2-3 foi um motim popular liderado pelos chineses de Macau, no dia 3 de Dezembro de 1966, para protestar contra algumas das medidas implementadas pelo Governo de Macau. Este motim pode e deve ser considerado como afloramento da Revolução Cultural que então grassava em toda a China.
- 16 Poema que terá sido escrito em Junho de 1980 e consta de p. 70 de *Folhas Dispersas*, 1989.
- 17 Grupo Deak & Co., Hang Lung Bank, Pacific Bank, Overseas Trust Bank e BCCI.
- 18 É curioso notar que António Correia obteve a licença de notário privado n.º 1 e a sua esposa, Teresa Portela, a de n.º 2, realçando-se ainda que esta foi a primeira senhora a exercer a advocacia em Macau.
- 19 Considera António Correia (Setembro de 2021) que publicar nas redes sociais tem o objectivo de alargar o espaço de leitura, que especialmente na poesia nunca foi grande. Por outro lado, entre o poeta e a efectiva leitura não há grandes intervalos temporais e o leitor pode, de certa forma comungar das vivências e sensibilidade do poeta. Por exemplo um poema relativo às vindimas em tempo destas.
- 20 Resposta de António Correia à pergunta colocada pelos autores deste artigo sobre as razões que o levam a publicar os seus poemas inéditos nas redes sociais.
- 21 *Vide* nomeadamente *Deideia*, p. 14 onde se aflora uma consequência deste posicionamento de Miguel Torga.
- 22 Bondoso, António Augusto - *Palavras em Viagem*: Novembro 2019. <http://palavrasemviagem.blogspot.com/2019/11/>. Acedido em 20 de Outubro de 2022.
- 23 O pai faleceu prematuramente no norte de Angola, em 29 de Novembro de 1952.
- 24 Publicada com o patrocínio do Banco Totta & Açores, foi dedicada *Ao Ex.<sup>mo</sup> Desembargador Joaquim Maria Coutinho Salvador Figueiredo, Luso-Goês, cujas contagiantes qualidades humanas e sensibilidade artística são bem a referência do espírito desta obra.*
- 25 Tou Lei é o pseudónimo de Ngai Iek Kin, poeta e prosador chinês de Macau, com extensa obra publicada, fundador da Sociedade de Poesia Maio e ainda ex-presidente da Sociedade Literária Pen de Macau. O artigo citado foi publicado na edição do *Jornal Ou Mun* de 10 de Maio de 1995, tendo sido traduzido para português pela LITS Macau, em 2020.

- 26 *Contos de Ou-Mun* teve em 1996 uma primeira edição em língua portuguesa da responsabilidade de Livros do Oriente coligindo apenas 15 dos 20 contos anteriormente já publicados em vários números da *Revista Macau*. Livro prefaciado por Orlando Neves, capa de Luís Mendonça e ilustrações de Emílio Remelhe.
- 27 A segunda edição, em 2020, foi promovida pela empresa LITS, incluindo agora os 20 contos, também em chinês, sendo a tradução de Teresa Iok Lan Fu Barreto. O grafismo é de Ernesto Matos e as ilustrações devem-se a Teresa Portela.
- 28 Edição trilingue em português, italiano e espanhol e que serviu para recitais de poesia que o autor fez em Valência, Espanha e em Florença e outros locais da Toscana, Itália.
- 29 Romances publicados em 2005 e 2007 respectivamente, sendo o autor um padre católico, músico, historiador e romancista, que também é natural de Resende e amigo pessoal de António Correia.
- 30 A publicação é feita em português, inglês e japonês, com *design* gráfico de Ernesto de Matos e prefácio de José Brites Inácio, um médico também dado ao cultivo das letras.
- 31 Com licenciatura em Direito, posteriormente foi aluna da Academia de Artes Visuais de Macau, onde frequentou os cursos de Desenho, Pintura e História da Arte. Em Londres aprofundou os conhecimentos adquiridos em Macau, com o curso *Life Painting With an Historical Perspective*. As suas pinturas dispersam-se por várias colecções particulares e por instituições oficiais, em Macau, China, Portugal, Brasil, Espanha, Noruega e Austrália.
- 32 Expressão usada em cantonense para fazer brindes e correspondendo em português a Viva! Saúde!
- 33 Formado em *Design* Gráfico e em Fotojornalismo é autor de várias edições literárias e tem colaboração com jornais e revistas, onde através de imagens fotográficas, selos e textos identifica as principais características da cultura portuguesa na sua génese universal. Nas suas viagens pelo mundo capturou imagens soltas e construiu um inventário exaustivo do gosto de atapetar o chão com pequenas pedras de duplas cores, talhadas à mão, realizando desenhos de elaborado efeito ou de linhas simples e geométricas, de autores anónimos ou grandes mestres.
- 34 Entrevista a António Correia realizada pelos autores deste artigo.
- 35 Edição bilingue: tradução para a língua chinesa de Teresa Iok Lan Fu Barreto.
- 36 Edição bilingue: tradução para a língua chinesa de Teresa Iok Lan Fu Barreto.
- 37 Ilustração de Teresa Portela.
- 38 Ilustração de Teresa Portela.
- 39 Edição trilingue: português, inglês e japonês. Tradução para inglês de Manuela Ribeiro, tradução para japonês de Yoko Fujiwara. Ilustração de Teresa Portela.
- 40 Edição bilingue: português, inglês e alguns excertos em chinês. Tradução para inglês de José Valente, tradução para chinês de Lao Chi Weng.
- 41 Edição trilingue: português, chinês e inglês. Tradução para chinês de LITS Macau, tradução para inglês de José Valente.

## BIBLIOGRAFIA

---

- GRAZIANI, Michela - «Luz e negrume». Para uma reflexão no sentido da vida em António Correia. **CEM Cultura, Espaço & Memória : revista do CITCEM** [em linha]. N.º 3 (2012), p. 231–239. [Consult. 23 Mai. 2022]. Disponível em WWW: <URL:https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/11310.pdf>. ISSN 2182-1097
- SEABRA PEREIRA, José Carlos - **O Delta Literário de Macau**. Macau: Instituto Politécnico de Macau, 2015. ISBN 978-99965-2-119-5